

O CONCEITO DE 'JEITINHO BRASILEIRO' NO ÂMBITO DO ENSINO DE PORTUGUÊS LE/L2: PARA ALÉM DOS LUGARES-COMUNS

THE BRAZILIAN 'JEITINHO' IN THE CONTEXT OF TEACHING OF PORTUGUESE FOR FOREIGNERS: BEYOND THE COMMON PLACE

Thais de Freitas Mondini Belletti*
thaisbelletti@gmail.com

O conceito de jeitinho está presente em uma série de discursos que expressam um conjunto de valores que os brasileiros percebem como sendo seus, constituindo-se, assim, como um elemento importante na construção da identidade nacional. Desse modo, um estrangeiro no processo de aprendizado do português LE/L2 eventualmente entrará em contato com esse estilo de navegação social brasileira. O conceito de jeitinho, no entanto, apresenta diversas formas de representação no discurso. O nosso objetivo com esse trabalho é abordar tal conceito a partir de uma análise mais acurada que se afasta de um discurso simplista, o qual associa o jeitinho à imagem do brasileiro malandro que procura tirar vantagem em tudo. Nesse processo, fizemos uma revisão da literatura que aborda esse conceito a partir de análises advindas das Ciências Sociais, com destaque para os estudos de Barbosa (2006) e de Borges (2006). Como um possível material a ser inserido em um contexto de ensino do português para estrangeiros, escolhemos a leitura e análise da crônica literária "Dar um jeitinho". A análise da crônica foi realizada sob a perspectiva da semiótica discursiva, tendo por objetivo a busca de sentidos que se relacionam a certas práticas sociais brasileiras, relacionadas ao conceito de jeitinho.

Palavras-chave: Português LE/L2. Jeitinho. Discurso. Cultura. Semiótica.

The concept of 'jeitinho' is present in a series of discourses that express a set of values that Brazilians perceive as their own. Thus, a foreigner in the process of learning Portuguese FL/2L will eventually come into contact with this style of Brazilian social practice. The concept of 'jeitinho', however, shows different forms of representation in discourse. Our aim with this work is to approach such concept

* Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Brasil.

from a more accurate analysis that moves away from a simplistic discourse, which associates the *jeitinho* to the image of a Brazilian who seeks to take advantage of everything. In this process, we reviewed the literature that approaches this concept based on analyzes from the Social Sciences, with emphasis on the studies of Barbosa (2006) and Borges (2006). As a possible material to be inserted in a context of teaching Portuguese for foreigners, we chose the reading and analysis of the Brazilian literary chronicle “Dar um *jeitinho*”. The analysis of chronicles was carried out from the perspective of discursive semiotics, aiming to search for meanings that are related to the concept of *jeitinho*.

Keywords: Portuguese LE/2L. *Jeitinho*. Discourse. Culture. Semiotics.



1. Introdução

O contato com a diversidade cultural é inerente ao processo de aprendizagem de uma língua estrangeira. Esse contato gera, inevitavelmente, estranhamentos e pode, muitas vezes, envolver conflitos. Kramsch (1993) salienta que o conhecimento cultural não deve ser visto como algo adquirido passivamente pelo aprendiz de língua estrangeira. Este se aproxima de uma cultura estrangeira a partir de uma série de generalizações pré-concebidas que estão ligadas ao entendimento de sua própria cultura. Nesse caso, o aprendiz pode entrar em contato com certas práticas sociais que se chocam com as noções culturais conhecidas até então.

Como exemplo disso, podemos citar os conceitos do *guanxi*, na sociedade chinesa, e do *jeitinho*, na sociedade brasileira, que podem ir de encontro aos princípios igualitários e individualistas que o ideário iluminista levou para o Ocidente. Nesse ideário, o conceito de cidadania foi um instrumento poderoso como forma de acabar e de compensar a teia de regalias que fazia parte do contexto europeu no século XVIII, atribuindo ao indivíduo um papel social central dentro do sistema. Marcondes (2010) postula que a filosofia iluminista caracterizava-se pelos pressupostos do individualismo, que se baseava na existência do indivíduo livre e autônomo, consciente e capaz de se autodeterminar, e da igualdade jurídica, que visava garantir a liberdade do indivíduo contra os privilégios.

Tomando os preceitos iluministas, a noção de igualdade assumiu um significado político universalista. Na França, a Declaração dos Direitos do

Homem e do Cidadão proclamou as liberdades e os direitos fundamentais do indivíduo, visando abarcar toda a humanidade. É importante notar que, sob a ótica do Iluminismo, tal declaração se refere aos direitos naturais e à igualdade como inerentes ao homem, baseando-se na aceção de que existem valores absolutos e universalmente aplicáveis, concebidos pelos homens, de forma natural, na vida em sociedade.

Certamente, as ideias iluministas sobre a concepção de igualdade se espalharam não só pelo Ocidente, como também pelo resto do mundo, refletindo mudanças estruturais na forma de se pensar a organização social de um Estado soberano. Podemos dizer que essas ideias delinearam movimentos culturais e filosóficos que se tornaram paradigmáticos para a construção do mundo tal como o conhecemos hoje. Um exemplo disso é a adesão de países como China, Egito, Líbano, entre outros, à Declaração Universal dos Direitos Humanos, proferida pelas Nações Unidas, que teve como base o documento francês da Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão, no século XVIII.

Faz-se necessário argumentar, no entanto, que essa ideia de cidadania como um papel social relacionado à igualdade de todos os homens não ocorreu da mesma forma em todos os lugares. Conforme salienta o sociólogo brasileiro Roberto DaMatta (1997), em situações históricas e sociais diferentes, a mesma noção de cidadania, o mesmo conceito de indivíduo engendraram práticas sociais e tratamentos substancialmente diversos. No continente europeu, berço do Iluminismo, a ideologia individualista encontra formas distintas nas sociedades mediterrâneas, no sul da Europa, que apresentam forte enraizamento católico, diferenciando-se do paradigma cultural luterano-calvinista preeminente no mundo anglo-saxão e do paradigma laico jacobino do mundo francês.

Em sociedades como a chinesa e a brasileira, por exemplo, o projeto iluminista, que vislumbrou uma sociedade individualista e igualitária, entra em conflito como os costumes das relações pessoais. Enquanto as sociedades que passaram pela revolução individualista instituíram um código de conduta hegemônico, fundado na ideia de cidadão, as sociedades relacionais têm códigos de comportamento operando simultaneamente. Sua unidade básica não está baseada em indivíduos (ou cidadãos), mas em relações pessoais, famílias e grupos de parentes e amigos.¹

1 De acordo com a teoria de dimensões culturais de Hofstede (2011), existem culturas que apresentam um caráter mais individualista ou mais coletivista. A dimensão que o autor nomeou de Individualismo versus Coletivismo (IDV) diz respeito ao nível de integração que um indivíduo tem em relação aos grupos de uma sociedade e a forma pela qual o indivíduo constrói sua iden-

No caso da sociedade brasileira, DaMatta (1997) salienta que esta opera com uma multiplicidade de códigos e eixos de classificação que dão ao sistema um dinamismo peculiar e altamente complexo; o autor conclui: “no fundo é como se a sociedade tivesse várias fontes de cidadania, cada uma básica e todas operando de modo a permitir uma série de compensações sociais” (DaMatta 1997, p. 89).

Com efeito, essa forma de operação cria uma sociedade com um dinamismo social que à primeira vista parece curioso, atrasado ou ambíguo aos olhares de fora. Podemos dizer que o jeitinho faz parte dessa rede de operações que encontramos na sociedade brasileira. Este mostra ser um instrumento de estratégia social que os membros dessa sociedade utilizam de forma consciente e universal. O jeitinho está inserido em uma série discursos presente no contexto brasileiro, e podemos encontrá-lo em artigos de jornais, blogs, revistas sobre negócios, sobre comportamento, etc. Como exemplo disso, podemos citar algumas manchetes da mídia brasileira e estrangeira:

Índia importa “jeitinho brasileiro” para favelas de Mumbai. (Notícias Terra, 03/04/2012)

Órgão dos EUA pede jeitinho brasileiro para vencer atraso. (Revista Exame, maio de 2015)

Jeitinho brasileiro é promovido a estratégia no mundo dos negócios. (Folha de São Paulo, 20/08/2015)

Mundo se preocupa com ciberespionagem de “jeitinho brasileiro?”. (Valor Econômico, 10/02/2016)

Brazil's monetary jeitinho. (Financial Times, 15/01/2013)

Jeitinho Brasileiro: The Brazilian Way of Doing Things. (Huffington Post, 24/06/2013)

Entendemos o jeitinho como um elemento paradigmático da identidade social brasileira, presente em uma série de discursos que expressam um conjunto de valores que os brasileiros percebem como sendo seus. Desse modo, um estrangeiro no processo de aprendizado do português pode entrar em contato com esse conceito através de textos que circulam no

tidade. Na pesquisa de Hofstede (2011), tanto a sociedade brasileira como a chinesa apresentam números que as caracterizam como sociedades coletivistas, em que as relações entre indivíduos se mostram mais importantes que os próprios indivíduos.

contexto de ensino-aprendizagem do português como língua estrangeira (LE) ou segunda língua (L2).²

Nesse trabalho, abordamos o jeitinho brasileiro baseando-nos em trabalhos das Ciências Sociais que tiveram como objeto a análise da cultura brasileira. Buscamos ir além dos lugares-comuns que associam tal conceito à imagem do brasileiro malandro, sem apreço às regras, e que só quer tirar vantagem em tudo, como exemplifica a figura 1, tirada de um livro didático de PLE:



Figura 1. O jeitinho brasileiro no livro didático de PLE
Fonte: Barbosa e Castro (2013, p. 40)

Certamente, a abordagem de questões culturais no contexto de ensino de línguas estrangeiras pode apresentar grandes desafios aos professores. Isso se dá, pois tais questões são construídas por meio de abstrações e, muitas vezes, por discursos simplistas e reducionistas que podem levar a imagens estereotipadas de um dado grupo cultural. Pode-se afirmar que o desconhecimento da cultura do outro ou o pré-conceito são passíveis de gerar desentendimentos e até mesmo conflitos interculturais.

² Usamos o termo “língua estrangeira” como a língua estudada fora do país em que esta é considerada oficial, usada nas interações sociais do dia a dia. Referimo-nos a “segunda língua”, como a língua estudada dentro do contexto de imersão, isto é, do contexto em que a língua é falada pelos habitantes do país.

Desse modo, o nosso objetivo é apresentar o conceito de jeitinho brasileiro a partir de uma análise mais aprofundada que possibilite uma perspectiva mais acurada das dimensões culturais que abarcam tal conceito. Com isso, esperamos colaborar para que, tanto professores de português LE/L2 (sejam eles brasileiros ou não), quanto alunos interessados em diferentes variedades do português, possam entrar em contato com essa dimensão cultural brasileira de forma menos estereotipada, contribuindo, assim, para uma interação intercultural mais produtiva e respeitosa.

2. O que é o jeitinho brasileiro?

A expressão ‘jeitinho brasileiro’ é, sem dúvida, compartilhada por grande parte da sociedade brasileira. Tal expressão comporta múltiplos sentidos, facetas e implicações. Existem, por um lado, aqueles que o enxergam como um defeito civilizatório grave, por outro, há aqueles que veem no jeitinho uma virtude, um estilo especial de lidar com as vicissitudes do cotidiano brasileiro.

Certamente, o jeitinho constitui-se como um elemento muito presente nas análises sobre a identidade brasileira. A antropóloga Lívia Barbosa, em seu livro intitulado *Jeitinho brasileiro: a arte de ser mais igual do que os outros*, destaca que o jeitinho se apresenta como um elemento universal dentro de nossa sociedade. A partir de uma pesquisa empírica com duzentas pessoas de diferentes cidades brasileiras e pertencentes a diversos segmentos sociais, Barbosa (2006, p. 40) afirma que “todas as pessoas entrevistadas conhecem, praticam ou fazem uso das expressões *jeitinho brasileiro* ou *dar um jeito*”. A pesquisa apontou que, no que tange à definição do que é o jeitinho, não há grandes variações entre os entrevistados. De acordo com a autora:

Para todos, *grosso modo*, o *jeitinho* é sempre uma forma “especial” de se resolver algum problema ou situação difícil ou proibida; ou uma solução criativa para alguma emergência, seja sob a forma de burla a alguma regra ou norma preestabelecida, seja sob a forma de conciliação, esperteza ou habilidade. Portanto, para que uma determinada situação seja considerada *jeito* necessita-se de um acontecimento imprevisto e adverso aos objetivos do indivíduo. Para resolvê-la, é necessária uma maneira especial, isto é, eficiente e rápida para tratar do “problema”. Não serve qualquer estratégia. A que for adotada tem que produzir os resultados desejados a curtíssimo prazo. (*idem* p. 41)

Barbosa (2006) distingue duas maneiras básicas de as pessoas falarem sobre o jeitinho: uma que ela denominou de negativa e outra de positiva (p. 62). No discurso positivo, o jeitinho faz parte das qualidades do brasileiro. Sintetiza seu lado simpático, caloroso, alegre, esperto, afetivo. Pode, por vezes, ser caracterizado como um discurso com tons ufanistas, enfatizando sempre os aspectos criativos e flexíveis da cultura brasileira. Mais significativo ainda é o entendimento de que o jeitinho é um elemento que humaniza as relações, pois, sem ele, tudo seria muito rígido e frio.

No discurso negativo, as narrativas geralmente se constroem em tom de denúncia. Denúncia das instituições sociais e políticas brasileiras, carentes de credibilidade, vistas como sempre associadas à corrupção e à impunidade. Diferentemente do positivo, o discurso negativo estabelece uma associação direta entre corrupção e jeito, utilizando-se de um padrão dicotômico que divide o mundo entre o certo e o errado. Sob essa ótica, Almeida (2007, p. 45), em seu livro *A cabeça do brasileiro*, assim inicia o capítulo sobre o jeitinho:

Você é a favor da corrupção? Claro que não? E, por acaso, já se utilizou pelo menos uma vez na vida do “jeitinho brasileiro”? Sem dúvida que sim. É óbvio que ninguém declararia publicamente ser favorável à corrupção. Nem mesmo seus principais beneficiários.

De acordo com essa visão, o jeitinho faria com que a sociedade brasileira fosse complacente com a corrupção. As escolhas linguísticas de Almeida (2007) estabelecem que um não existe sem o outro, situando-os no mesmo campo semântico. Nesse discurso, jeitinho e corrupção são encarados como sinônimos: “[...] a corrupção não é simplesmente a obra perversa de nossos políticos e governantes. Sob a simpática expressão ‘jeitinho brasileiro’, ela é socialmente aceita” (Almeida 2007, p. 46). Nesse caso, de acordo com o discurso negativo, o jeitinho é um elemento da sociedade brasileira que deveria ser superado à medida que ela avança rumo ao padrão civilizatório de sociedade: “É o *jeitinho* visto como simples reflexo de um estágio de desenvolvimento econômico e social” (Barbosa 2006, p. 15). Em outras palavras, o jeitinho faz parte de um conjunto de valores que está em desacordo com o modelo idealizado de uma sociedade desenvolvida.

De acordo com Borges (2006), o discurso condenatório do jeitinho, que enaltece esse modelo de sociedade, impede a percepção de forças culturais, epistemológicas e éticas que estão presentes nas práticas sociais brasileiras, fazendo com que a atenção esteja voltada para um espaço-tempo alheio; ou

seja, tal modelo idealizado contrapõe-se à realidade diária dos brasileiros. Assim, as relações pessoais, a amizade, a simpatia, a conversa não são consideradas suficientemente valorosas, podendo ser vistas até mesmo como um entrave para a formação de uma sociedade séria e respeitável.

Na visão de Borges (2006), o jeitinho não aceita a concepção de igualdade baseada em princípios universais descritos em um sistema legal formal, mas sim a concepção de igualdade que está atrelada à “condição humana determinada pela necessidade das circunstâncias, afetividade, comunicabilidade e humildade” (*idem* p. 116). Em sua pesquisa, Barbosa (2006) corrobora essa concepção de igualdade invocada pelo jeitinho. Para a autora, no Brasil, a igualdade se apresenta sob formas diferentes do modelo anglo-saxão, que, sob a égide do princípio individualista, enxerga o indivíduo como uma célula mínima do Estado democrático, que lhe garante contratualmente direitos e deveres. Nesse caso, a sociedade brasileira percebe o indivíduo não só como o sujeito normativo das instituições, mas também como sujeito das situações concretas do dia a dia. Barbosa (2006, p. 147) afirma que essa igualdade moral se encontra enraizada na ideia de unidade biológica dos seres humanos, ou seja, todos são iguais pois constituem-se da mesma matéria, com um destino final comum, o que lhes confere uma humanidade no sentido de valor: “Ao contrário da concepção de igualdade norte-americana, a brasileira se coloca como um fato, como algo dotado de substância, e não apenas e exclusivamente como um direito”.

Podemos dizer que duas concepções de igualdade coexistem no contexto social brasileiro: a igualdade como um direito consubstanciado na existência de uma lei universalizante e um direito fundado na equivalência moral, como é o caso do jeitinho. Segundo Barbosa (2006, p. 148), a adequação desses dois tipos de igualitarismo existentes na sociedade brasileira é dada na nossa prática social e nas nossas representações por um “eixo de necessidades construído para cada situação particular”. Dessa forma, o direito de todos à igualdade é, permanentemente, relativizado pela igualdade de fato entre todos. Nesse contexto, todos têm direito a um tratamento igualitário por parte de um servidor público, ou caixa de banco, mas uma pessoa com um problema pessoal que expõe sua situação poderá ter sua vez antecipada, pois os agentes envolvidos podem compreender seu drama humano, e, quem sabe um dia, estes poderão passar por situação semelhante.

Temos, assim, um conceito que está presente em diversas configurações discursivas na sociedade brasileira, mas que pode ser abordado de diferentes maneiras. Dessa forma, o jeitinho pode apresentar um desafio aos

professores de português LE/L2, em um contexto de ensino, envolvendo questões de natureza sociocultural. Afinal, atribuímos ao jeitinho uma das razões pelas quais a corrupção é tão presente na sociedade brasileira, ou ele representa o símbolo do espírito conciliador, criativo, caloroso e humano dessa sociedade? Como educadores, devemos privilegiar um tipo de discurso?

A complexidade que envolve o conceito de jeitinho pode e deve ser apresentada no contexto de ensino de português LE/L2; afinal, essas diferentes perspectivas estão inseridas nos variados discursos no Brasil. Devemos evitar, contudo, narrativas simplistas e reducionistas nesse processo, pois estas podem colaborar para discussões baseadas em estereótipos, que não promovem um debate construtivo no contexto educacional.

Byram, Gribkova e Starkey (2002, p. 11) salientam que os professores de língua estrangeira devem estar preparados para a criação de um ambiente em que se promova a curiosidade e a investigação, guiando, desse modo, os aprendizes em direção à competência intercultural. Sobre a concepção do educador no contexto de ensino intercultural, Fleuri (2000, p. 12) pondera:

Se o processo educativo consiste na criação e desenvolvimento de contextos educativos, e não simplesmente na transmissão e assimilação disciplinar de informações especializadas, ao educador compete a tarefa de propor estímulos (energia colateral) que ativem as diferenças entre os sujeitos e entre seus contextos (histórias, culturas, organizações sociais...) de modo a desencadear a elaboração e circulação de informações (versões codificadas das diferenças e das transformações) que se articulem em diferentes níveis de organização. [...] Educador, nesse sentido, é propriamente um sujeito que se insere num processo educativo, e interage com outros sujeitos dedicando particular atenção às relações e aos contextos que vão se criando, de modo a contribuir para a explicação e elaboração dos sentidos que os sujeitos em relação constroem e reconstroem.

Em concordância com as palavras de Fleuri (2000), entendemos que o significado é relacional, ou seja, no contexto educativo, o aprendiz não recebe passivamente as informações, mas atua no processo de construção dos significados. Nesse processo, entendemos o educador como um mediador que, conforme o autor ressalta, propõe estímulos aos aprendizes no ambiente educativo.

De acordo com essa perspectiva, no âmbito do ensino de línguas estrangeiras, o professor deve se perguntar que tipo de estímulos se privile-

gia, para criar um contexto em que as diferenças culturais são respeitadas e as relações são construídas em termos de igualdade.

No que se refere ao conceito de jeitinho, há um discurso que o condena, com base em um modelo idealizado anglo-saxão, alheio à realidade brasileira. Segundo Barbosa (2006), os portadores desse discurso deixam de lado alguns componentes básicos da prática social brasileira que não se ajustam ao modelo de sociedade por eles concebido e inspirado nos parâmetros individualistas da sociedade ocidental. De acordo com a autora, todas as noções decorrentes desse modelo obedecem a um esquema firmemente estabelecido enquanto representação e motor, em grande parte, da concepção da sociedade brasileira como instável, leniente, sem seriedade, como se o caos imperasse em todas as esferas dessa sociedade.

Em oposição a essa perspectiva, há um discurso sobre o jeitinho que busca analisá-lo a partir das práticas sociais percebidas dentro do contexto brasileiro, sem que se estabeleça, assim, uma avaliação moral. Nesse discurso, temos o jeitinho associado ao aspecto relacional da sociedade brasileira, que concebe o indivíduo não só como o sujeito normativo das instituições, mas também como sujeito das situações concretas do dia a dia.

Nesse trabalho, propomos analisar uma crônica escrita por um autor brasileiro, a fim de mapearmos aspectos da cultura brasileira relacionados ao conceito de jeitinho. Escolhemos um texto que apresentasse o jeitinho a partir das práticas sociais presentes no interior da sociedade brasileira, sem que, no discurso, se estabelecessem juízos de valor em relação a tais práticas. Nessa escolha, evitamos um discurso que condena esse tipo de navegação social brasileira, partindo de princípios moralizantes de análise e com base em um modelo idealizado de sociedade.

Escolhemos a leitura e análise do texto literário, pois entendemos que este constitui-se como uma rica forma de expressão cultural onde estão reveladas, registradas e preservadas as ideias, os costumes e a história de um povo. De acordo com Tosta (2004), enquanto os textos informativos atêm-se aos fatos particulares, a literatura dá conta da totalidade do real, pois, representando o particular, busca atingir uma significação mais ampla.

De acordo com essa perspectiva, entendemos então que a leitura do texto literário no âmbito do ensino-aprendizagem de LE/L2 pode ajudar o aprendiz a refletir sobre certas formas pelas quais determinados grupos constroem seus significados. O texto literário, assim, apresenta-se como um veículo adequado para um trabalho com base na perspectiva intercultural, pois permite que o aprendiz tenha acesso ao conhecimento dos valores, atitudes, crenças e referências históricas que compõem a memória de um

grupo. Evidentemente, o professor se beneficia desse conhecimento e pode encontrar no texto literário uma ferramenta para introduzir tanto conteúdo de natureza léxico-gramatical como de natureza sociocultural no contexto do ensino.

3. Metodologia

Selecionamos para análise a crônica “Dar um jeitinho”, publicada na revista *Manchete* em 21 de março de 1964 pelo cronista, poeta e tradutor Paulo Mendes Campos. Nesta crônica, o conceito de jeitinho é elaborado como tema principal do texto.

Analisamos a crônica sob a perspectiva da semiótica discursiva, desenvolvida por Greimas (1979) e explicada por Fiorin (2016a; 2016b). Utilizamos a teoria geral do sentido, elaborada por Greimas (1979), como metodologia de análise do texto literário, pois esta concebe o texto como simulacro da vida real, uma vez que nele são representados sujeitos, fatos, objetos, valores que retratam o mundo.

Para a análise do texto, a semiótica discursiva adota um modelo chamado percurso gerativo do sentido. Segundo Fiorin (2016a), esse percurso é uma sucessão de patamares, cada um dos quais suscetível de receber uma descrição adequada, que mostra como se produz e se interpreta o sentido, num processo que vai do mais simples ao mais complexo.

Nesse trajeto metodológico, a semiótica oferece recursos para a análise dos enredos narrativos e para a compreensão dos efeitos produzidos pela enunciação. Esse percurso é responsável por conduzir o leitor à compreensão global do texto analisado. De acordo com a semiótica greimasiana, os três níveis do percurso são o profundo (ou fundamental), o narrativo e o *discursivo* (grifo nosso). Fiorin (2016a) elabora esse percurso em um quadro onde divide os três níveis entre “Estruturas semionarrativas” e “Estruturas discursivas”, como descrito na Figura 2:

	Componente sintático		Nível profundo
Estruturas seminarrativas	Nível profundo		Semântica fundamental
Semântica fundamental			
	Nível de superfície	Sintaxe narrativa	Semântica narrativa
	Sintaxe discursiva		Semântica narrativa
	Discursivização		Tematização
	(actorialização, temporalização, espacialização)		Figurativização

Figura 2. Percurso gerativo do sentido segundo Fiorin (2016a, p. 20)

Segundo Fiorin (2016a), em cada um desses níveis existe um componente sintático e um componente semântico, sendo que o primeiro é responsável pela materialidade do segundo. Fiorin (2016a, p. 44) postula:

Esse modelo mostra aquilo que sabemos de forma intuitiva: que o sentido do texto não é redutível à soma dos sentidos das palavras que o compõem nem dos enunciados em que os vocábulos se encadeiam, mas que decorre de uma articulação dos elementos que o formam – que existem uma sintaxe e uma semântica do discurso.

Dentro do escopo de nosso trabalho, buscamos analisar como se constroem os sentidos do texto escolhido, no nível *discursivo*. Fiorin (2016a, p. 41) define que é no nível discursivo que:

[...] as formas abstratas do nível narrativo são revestidas de termos que lhes dão concretude. Assim, a conjunção com a riqueza aparecerá no nível discursivo como roubo de joias, entrada na posse de uma herança, descoberta de uma mina de ouro, aplicação bem sucedida na Bolsa de Valores, recebimento de um grande prêmio de uma loteria, etc.

Fiorin (2007) ressalta que é nas estruturas discursivas que a enunciação mais se revela e onde mais facilmente se apreendem os valores sobre os quais ou para os quais o texto foi construído. A semiótica entende a enunciação como o ato produtor do enunciado. Sendo assim, o enunciado é resultado da enunciação, considerada uma instância de mediação, que propicia a discursivização das virtualidades linguísticas, as da língua em sentido estrito e as do discurso: “A enunciação agencia a passagem das virtualidades linguísticas e discursivas para as estruturas realizadas” (Greimas 1979 *apud* Fiorin 2007, p. 25).

Com efeito, mesmo quando os elementos da enunciação não aparecem no enunciado, a enunciação existe, uma vez que nenhuma frase se enuncia sozinha. Em relação aos sujeitos da enunciação, Fiorin (2016a, p. 56) postula:

[...] é preciso distinguir duas instâncias: o *eu* pressuposto e o *eu* projetado no interior do enunciado. Teoricamente, essas duas instâncias não se confundem: a do *eu* pressuposto é a do enunciador e a do *eu* projetado no interior do enunciado é a do narrador. Como a cada *eu* corresponde um *tu*, há um *tu* pressuposto, o enunciatário, e um *tu* projetado no interior do enunciado, o narratário. Além disso, o narrador pode dar a palavra a personagens, que falam em discurso direto, instaurando-se então como *eu* e estabelecendo aqueles com quem falam como *tu*. Nesse nível, temos os interlocutor e o interlocutário.

Partindo das afirmações de Fiorin (2016a) transcritas acima, caracterizamos o enunciador da crônica escolhida para esse trabalho como responsável pela enunciação linguística, isto é, ao mesmo tempo em que é fonte do ponto de vista acionado, também é o sujeito que organiza o dizer no texto. Nesse caso, o enunciador da crônica também pode ser caracterizado como narrador. Valendo-se de postulações de Genette (1972), Fiorin (2016b) aponta cinco funções do narrador: a narrativa propriamente dita, a de direção, a de comunicação, a de atestação, e a ideológica. O autor assim descreve tais funções:

A função narrativa propriamente dita é a de relatar a história. A função de direção é aquela em que, por um discurso metanarrativo, o narrador marca as articulações, as conexões, as inter-relações, em síntese, a organização interna do texto narrativo. [...] A função de comunicação reside numa orientação para o narratário, quando o narrador conversa com ele, imagina suas reações, etc. [...] A função de atestação é aquela que fala da relação afetiva, moral ou intelectual do narrador com a história. Pode ter um papel de simples testemunho, quando o narrador indica a fonte donde retira as informações, o grau de precisão de suas lembranças ou sentimentos que nele desperta um dado episódio. [...] A última função é a ideológica, aquela em que o narrador comenta a ação, avalia-a do ponto de vista de uma visão de mundo (Fiorin 2016b, pp. 93-94)

Podemos dizer, assim, que as concepções de enunciador e narrador de acordo com a semiótica discursiva atendem adequadamente ao nosso interesse de caracterizar o sujeito das ações presentes na crônica escolhida.

4. Análise

Esta crônica foi selecionada, pois a noção do jeitinho brasileiro é construída como tema principal do texto. Usam-se as locuções “dar um jeito” e “dar um jeitinho”, para descrever certos traços culturais presentes na sociedade brasileira. O nosso objetivo não é fazer uma análise propriamente literária ou gramatical do texto, mas buscamos por meio da semiótica discursiva analisar como significados relacionados ao conceito de jeitinho são construídos no discurso.

Dar um jeitinho

Escrevi na semana passada que há duas constantes na maneira de ser do brasileiro: a capacidade de adiar e a capacidade de dar um jeito. Citei um livro francês sobre o Brasil, no qual o autor dizia que só existe uma palavra importante entre os brasileiros: amanhã.

- 05 Pois fui ler também o livro *Brazilian Adventure*, de 1933, do inglês Peter Fleming, marido da atriz Célia Johnson, integrante da comitiva que andou por aqui há anos em busca do coronel Fawcett. No capítulo dedicado ao Rio, sem dúvida a capital do amanhã, achei este pedaço: “A procrastinação por princípio a procrastinação pela própria procrastinação – foi uma coisa com a qual aprendi depressa a contar. Aprendi a necessidade de resignação, a psicologia da resignação: tudo, menos a resignação em si mesma. No fim extremo, contrariando o meu mais justo aviso, sabendo a futilidade disso, continuei a engambelar, a insultar, a ameaçar, a subor dinar os procrastinadores, tentando diminuir a demora. Nunca me valeu de nada. Não é possível evitá-la.
- 10 Não há nada a fazer contra isso”.

15 Não é verdade: há uma forma de vencer a interminável procrastinação brasileira: é dar um jeitinho. O inglês apelou para a ignorância, a sedução, o suborno. Mas o jeito era dar um jeito.

- 20 Dar um jeito é outra disposição cem por cento nacional, inencontrável em qualquer outra parte do mundo. Dar um jeito é um talento brasileiro, coisa que a pessoa de fora não pode entender ou praticar, a não ser depois de viver 10 anos entre nós, bebendo cachaça conosco, adorando feijoada, e jogando no bicho. É preciso ser bem brasileiro para se ter o ânimo e a graça de dar um jeitinho numa situação inajeitável. Em vez de cantar o Hino Nacional, a
- 25 meu ver, o candidato à naturalização deveria passar por uma prova: dar um jeitinho numa situação moderadamente enrolada.

- Mas chegou a minha vez de dar um jeito nesta crônica: há vários anos andou por aqui uma repórter alemã que tive o prazer de conhecer. Tendo de realizar algumas incursões jornalísticas pelo país, a moça frequentemente expunha problemas de ordem prática a confrades brasileiros. Reparou logo, espantada, que os nossos jornalistas reagiam sempre do mesmo modo aos galhos
- 30

que ela apresentava: vamos dar um jeito. E o sujeito pegava o telefone, falava com uma porção de gente, e dava um jeito. Sempre dava um jeito.

35 Mas, afinal o que era dar um jeito? Na Alemanha não tem disso, não; lá a coisa pode ser ou não pode ser. Tentei explicar-lhe, sem sucesso, a teoria fundamental de dar um jeito, ciência que, se difundida a tempo na Europa, teria evitado duas guerras carniceras. A jovem alemã começou a fazer tantas perguntas esclarecedoras, que resolvi passar à aula prática. Entramos na casa comercial dum amigo meu, comerciante cem por cento, relacionado apenas

40 com seus negócios e fregueses, homem de passar o dia todo e as primeiras horas da noite dentro da loja. Pessoa inadequada, portanto para resolver a questão que forjei no momento de parceria com a jornalista.

Apresentei ele a ela e fui contando a mentira: o pai da moça morava na Alemanha Oriental: tinha fugido para a Alemanha Ocidental; pretendia no

45 momento retornar à Alemanha Oriental, mas temia ser preso; era preciso evitar que o pai da moça fosse preso. Que se podia fazer?

Meu amigo comerciante ouviu tudo atento, sem o menor sinal de surpresa, metido logo no seu papel de mediador, como se fosse o próprio secretário das Nações Unidas. Qual! O próprio secretário das Nações Unidas não teria

50 escutado a conversa com tão extraordinária naturalidade. A par do estranho problema, meu amigo deu um olhar compreensivo para a jornalista, olhou para mim, depois para o teto, tirou uma fumaça no cigarro e disse gravemente: “O negócio é meio difícil... é... esta é meio complicada... Mas, vamos ver se a gente dá um jeito”.

55 Puxou uma caderneta do bolso, percorreu-lhe as páginas, e murmurou com a mais comovente seriedade: “Deixa-me ver antes de tudo quem eu conheço que se dê com o Ministro das Relações Exteriores.”

A jornalista alemã ficou boquiaberta.

O enunciador narrador emprega um discurso em primeira pessoa, projetando o *eu* no enunciado. Cria-se um efeito de subjetividade, em que o enunciador narrador simula um processo comunicativo de conversa familiar entre ele e o leitor da crônica. Ao iniciar o texto com a afirmação “*Escrevi na semana passada*”, o enunciador narrador dialoga com o leitor implícito do texto que, presumidamente, lê as crônicas da revista semanalmente.

No texto, o jeitinho é construído como uma característica particular do brasileiro. Já nas primeiras linhas, o enunciador narrador afirma: “*há duas constantes na maneira de ser do brasileiro: a capacidade de adiar e a capacidade de dar um jeito*” (L.01-02). O lexema ‘capacidade’ é empregado com o sentido de aptidão, inclinação, que o brasileiro tem de procrastinar e de ser habilidoso em uma situação problemática, isto é, de ter a vocação para o jeitinho.

Em relação ao tema procrastinação, presente no texto, o enunciador narrador cita dois livros, um escrito por um autor francês e outro por um autor inglês, com a intenção de exemplificar a constatação dessa capacidade brasileira.

O narrador dá voz a esses outros actantes do enunciado, por um lado, com a finalidade de reafirmar a capacidade de adiar do brasileiro, por outro, para contestar uma de suas assertivas – a de que não há nada que se possa fazer contra a procrastinação brasileira. Nesse caso, o enunciador narrador dialoga com o locutor: “*Não é verdade: há uma forma de vencer a interminável procrastinação brasileira: é dar um jeitinho*” (L.15-16).

A partir dessa afirmação no texto, o jeitinho será tematizado como “*disposição cem por cento nacional*” (L.18), isto é, um elemento intrínseco à configuração brasileira. Um conjunto de lexemas concretos e abstratos presentes na crônica manifesta o tema geral do texto: o jeitinho como qualidade particular brasileira, “*inencontrável em qualquer outra parte do mundo*” (L.18-19).

Vimos que o jeitinho apresenta diferentes formas de representação no discurso. Com efeito, este não é um conceito de contornos bem definidos. Podemos dizer que a aplicação do jeitinho é dado na prática social brasileira, “por um eixo de necessidades construído para cada situação particular” (Barbosa, 2006, p. 148). De acordo com essa perspectiva, o enunciador narrador afirma que, sendo o jeitinho um “*talento*” brasileiro, uma “*pessoa de fora não pode entender ou praticar*” (L.19-29); ou seja, um estrangeiro alheio à mecânica do sistema pode ficar desorientado quando em contato com essa instituição social. Nesse caso, seria preciso estar inserido nas práticas coletivas presentes na sociedade brasileira, para reconhecer e lançar mão desse recurso.

Admitindo a ideia de que só se entende o jeitinho por meio de práticas sociais brasileiras, as figuras utilizadas pelo enunciador narrador para caracterizar tais práticas representam costumes presentes no cotidiano do país. Desse modo, o enunciador narrador argumenta que, para se entender e praticar o jeitinho, seria preciso: “*viver 10 anos entre nós, bebendo cachaça conosco, adorando feijoada, e jogando no bicho*” (L.20-21). No seu fazer persuasivo, o enunciador narrador continua a crônica, reafirmando a declaração anterior: “*É preciso ser bem brasileiro para se ter o ânimo e a graça de dar um jeitinho numa situação inajeitável*” (L.21-23).

O enunciador narrador parte de uma perspectiva de dentro das práticas brasileiras, projetando no enunciado o espaço de onde fala. Desse modo, usa o dêitico espacial “aqui”, para referir-se ao Brasil: “*comitiva*

que andou por aqui”(L.06); “*Há vários anos passou por aqui*” (L.26-27). Inclui-se na categoria brasileiro, utilizando as marcas linguísticas “*entre nós*” e “*conosco*” (L.20-21); “*nossos jornalistas*” (L.29).

Na condição de brasileiro, o enunciador narrador faz afirmações sobre a maneira de ser do brasileiro, tece comparações com o lugar estrangeiro, e até mesmo faz sugestão em relação a procedimentos legais de imigração: “*Em vez de cantar o Hino Nacional, a meu ver, o candidato à naturalização deveria passar por uma prova: dar um jeitinho numa situação moderadamente enrolada*” (L. 23-25).

O enunciador narrador, numa perspectiva reflexiva, utiliza o humor para revelar um olhar sobre o mundo, isto é, o reconhecimento de que o jeitinho é parte da configuração identitária brasileira. Recorre a um neologismo: “*inajeitável*”, dando um jeito na palavra que não reconhece a forma adjetiva, e diz que o candidato à naturalização deve “*dar um jeitinho*” numa situação complicada. Após essa sugestão, o enunciador narrador declara: “*Mas chegou a minha vez de dar um jeito nessa crônica*” (L.26). Ora, a crônica, como um gênero escrito, não precisaria, em princípio, de um jeito. Temos, assim, o humor, como recurso para chamar a atenção do leitor para o seguimento da crônica, que passa à narração de uma situação prática envolvendo o jeitinho.

O enunciador narrador, assim, relata a história de uma jornalista alemã que esteve no Brasil, e reparou “*espantada*” na atitude dos jornalistas brasileiros. Estes reagiam sempre do mesmo modo aos problemas que apareciam, isto é, sempre “*davam um jeito*”. O narrador delega a palavra à jornalista por meio de um discurso indireto livre: “*E o sujeito pegava o telefone, falava com uma porção de gente, e dava um jeito. Sempre dava um jeito*” (L.31-32). Temos a voz da jornalista alemã, relatando sua experiência com os outros jornalistas brasileiros com quem trabalhou. Os verbos estão no pretérito imperfeito para indicar concomitância habitual em relação ao tempo em que a jornalista “*andou por aqui*” (L.27). Aparece no texto a repetição “*dava um jeito*”, causando um efeito de sentido de uma ação que acontecia com frequência.

Podemos dizer que o adjetivo “*espantada*” para descrever a reação da alemã em relação ao “*jeitinho brasileiro*” é usado com o sentido de admiração – de estar maravilhada. Essa instituição brasileira é apresentada no texto a partir de um discurso positivo; é o jeitinho criativo, humano, em que as relações pessoais pesam na hora de se resolver um problema: “*falava com uma porção de gente*” e “*sempre dava um jeito*”, para dar uma solução nos “*galhos*” que apareciam.

Tal espanto se deu, pois a jornalista alemã não estava acostumada a esse mecanismo; a forma de solucionar problemas em seu país de origem é diferente da forma brasileira: “*Na Alemanha não tem disso, não; lá a coisa pode ser ou não pode ser*” (L.33-34). Esse caráter inflexível atribuído à sociedade alemã difere muito da maneira de ser do brasileiro. De acordo com DaMatta (2004), os brasileiros escolhem as zonas intermediárias, criando jeitinhos para lidar com as situações práticas do dia a dia. Nesse caso, entre um “*pode ser*” e um “*não pode ser*”, o brasileiro, com habilidade e criatividade, encontra um meio-termo para solucionar os problemas que lhe surgem.

O enunciador narrador tenta explicar à alemã esse mecanismo usado pelos brasileiros, que, podemos dizer, é uma instituição nacional, praticada em todo país. A jornalista pôde fazer esta constatação ao: “*realizar algumas incursões jornalísticas pelo país*” (L.27-28), ou seja, o jeitinho não é um mecanismo particular, típico de uma região, mas sim uma prática presente na sociedade brasileira como um todo.

Percebemos o recurso do humor, utilizado pelo enunciador narrador, ao atribuir um caráter científico ao mecanismo de dar um jeito. Nesse momento, este tenta explicar à jornalista: “*a teoria fundamental de dar um jeito, ciência que, se difundida a tempo na Europa, teria evitado duas guerras carniceiras*” (L.34-36). Podemos dizer que o enunciador narrador classifica o jeitinho como ciência por meio de um procedimento argumentativo, visando a criar um efeito de sentido de objetividade. Nesse caso, o jeitinho seria uma atividade desenvolvida racionalmente, a partir de conhecimentos considerados objetivos e de validade geral. Temos, assim, esse mecanismo brasileiro elevado a um método concreto que teria ajudado a evitar as duas guerras mundiais que assolaram a humanidade num período de vinte e um anos. Nesse caso, o jeitinho é construído como um mecanismo objetivo que resolveria os problemas internacionais por meio da habilidade no trato, da criatividade, da simpatia, em vez da agressão direta e da força repressiva.

Já que a explicação sobre a teoria de dar um jeito se mostrou “*sem sucesso*” (L.34), o enunciador narrador resolve “*passar à aula prática*” (L.37). Nesse processo narrativo, temos um percurso que figurativiza o tema do jeitinho como elemento intrínseco à sociedade brasileira. O enunciador tenta provar à jornalista alemã que, no Brasil, qualquer pessoa tem essa tendência de recorrer ao jeitinho para resolver uma situação problemática, mesmo aquelas mais inadequadas para o contexto objetivo que se apresenta.

Como os termos que figurativizam a pessoa inadequada para a situação forjada pelo narrador, temos: “*comerciante cem por cento, relacionado apenas com seus negócios e fregueses, homem de passar o dia todo e as primeiras horas da noite dentro da loja*” (L.38-39).

O enunciador narrador começa o relato no qual descreve a situação que inventara para seu amigo comerciante: “*Apresentei ele a ela e fui contando a mentira*” (L.41-42). Vimos que o enunciador narrador opta por não utilizar a norma culta, que, nesse caso, pediria o pronome oblíquo (apresentei-o) e não o pronome reto. Podemos atribuir essa escolha aos traços do gênero crônica que, conforme aponta Candido (1992) por meio de uma linguagem coloquial, com marcas de oralidade, cria um efeito de conversa informal, aproximando-se mais do leitor.

Essa crônica foi publicada no ano de 1964, auge da Guerra Fria, contexto no qual a Alemanha estava dividida por duas linhas político-ideológicas opostas. O enunciador narrador forja, assim, uma situação envolvendo um perigo real para a época. Para o cenário posto, era preciso habilidades diplomáticas e conhecimento profissional para a resolução do problema.

Podemos dizer que o comerciante ignora o perigo posto pela situação, ou seja, esquece a sua própria segurança para atender a uma necessidade de outrem. Este tenta dar um jeito em uma situação para a qual não tinha nenhum conhecimento técnico, isto é, não estava ao alcance de sua posição como comerciante. Por meio de discurso direto, o narrador dá voz ao amigo comerciante que, mesmo “*a par do estranho problema*” (L.49), declara: “*o negócio é meio difícil... é... esta é meio complicada... Mas, vamos ver se a gente dá um jeito*” (L.51-52). O comerciante, assim, procura a solução para o problema: “*Deixa-me ver antes de tudo quem eu conheço que se dê com o Ministro das Relações Exteriores*” (L.54-55).

No texto, temos as figuras de dois brasileiros que buscam dar um jeito nas situações que aparecem. O narrador tenta explicar à jornalista alemã esse recurso brasileiro, dando um jeito de forjar uma situação que incluía a jornalista. Recorre, assim, a um amigo brasileiro para provar a tese de que o jeitinho é um elemento intrínseco à sociedade brasileira. O amigo comerciante, por sua vez, recorre a contatos pessoais, para dar um jeito de ajudar o pai da jornalista.

Por meio dos exemplos presentes no texto, observamos o costume brasileiro das relações pessoais. Podemos dizer que o jeitinho faz parte dessa dinâmica presente na sociedade brasileira, funcionando como um instrumento de estratégia social que os membros dessa sociedade utilizam de forma consciente. No texto, vimos que os jornalistas brasileiros “*falam com*

uma porção de gente” para resolver os problemas; o narrador recorre a um amigo para ajudar a jornalista alemã a entender o recurso de dar um jeito; e o amigo comerciante busca em sua “*caderneta*” de contatos alguém pra ajudar o pai da jornalista alemã.

A atitude do amigo comerciante em buscar dar um jeito na situação difícil com a qual foi confrontado, embora totalmente despreparado para a solução do problema, exemplifica o que chamamos de humanismo tipicamente brasileiro, do qual emerge o jeitinho. Nesse caso, o comerciante busca solucionar um problema diplomático para um completo desconhecido, isto é, o pai da jornalista alemã, a quem acabara de ser apresentado. Sendo assim, o brasileiro não se empenha para ajudar uma estranha buscando favorecimento individual – não o faz por interesse próprio. Quando alguém se mostra humilde e expõe uma dificuldade pessoal, o brasileiro, em geral, se esforça em ajudar. É o jeitinho aplicado a qualquer ser humano, conferindo a esse recurso brasileiro uma humanidade no sentido de valor, afinal, como diz o ditado brasileiro: “quando morrer, vai todo mundo para o mesmo lugar”.

O enunciador narrador, assim, busca construir o tema geral da crônica, a saber, dar um jeitinho, como elemento inerente à constituição identitária brasileira. Nesse processo, faz comparações com a forma de ser do inglês, que tenta por meio do insulto, ameaça, suborno resolver o problema da procrastinação do brasileiro. Compara com a característica inflexível da sociedade alemã, em que não há zonas intermediárias. Assim, diferentemente do modo de ser estrangeiro, o brasileiro busca outras formas de navegação social. Por meio de relações pessoais, habilidade na conversa e criatividade, este encontra no jeitinho uma maneira para lidar com graça e ânimo com os eventuais problemas do dia a dia.

5. Considerações finais

Neste trabalho, vimos que o jeitinho é um tipo de navegação social que singulariza a sociedade brasileira. De norte a sul, ele é constituído como uma prática social conhecida e legitimada por todos os segmentos sociais no Brasil. De fato, o jeitinho está inserido em uma série de discursos que expressam um conjunto de valores significativos presentes nessa sociedade.

Na crônica analisada, encontramos elementos que caracterizam o aspecto habilidoso, caloroso e humano da sociedade brasileira, reafirmando, desse modo, o seu traço relacional. Vimos o conceito de jeitinho

apresentado com base em práticas sociais presentes no interior da sociedade brasileira. Na escolha da crônica, evitamos um discurso que condena esse tipo de navegação social com base em um modelo idealizado de sociedade. Dessa forma, buscamos evitar os lugares-comuns que reforçam a imagem do brasileiro malandro, que só quer se dar bem, como retratado no personagem fictício Zé Carioca, desenvolvido pelos estúdios Walt Disney (Smith 1998).

Alguns podem afirmar que o jeitinho não é exclusividade brasileira. Com efeito, formas de se lidar com os problemas do cotidiano e de se procurarem meios alternativos a certas normas e leis do Estado existem em muitos lugares. Contudo, o que queremos destacar nesse trabalho é o valor que a sociedade brasileira atribui ao jeitinho e como este está inserido em uma série discursos que buscam retratar certas características culturais brasileiras.

Nesse caso, em um contexto de ensino-aprendizagem do português LE/L2, essa crônica pode contribuir para uma discussão sobre as diferenças e semelhanças entre tais características brasileiras e outros grupos nacionais: como seria a maneira de ser do português ou do angolano, por exemplo. O professor pode usar a leitura dessa crônica como estímulo para ajudar os alunos a refletirem sobre certos padrões de pensamento e comportamento ligados ao conceito de jeitinho no contexto brasileiro, fazendo uma comparação com a cultura nativa do aprendiz, sem que, nesse processo, se estabeleça uma hierarquia moral entre os grupos.

Por fim, o texto literário mostrou ser uma ferramenta valiosa no ensino dos aspectos culturais que envolvem o conceito de jeitinho. Além disso, no âmbito da sala de aula, inserir tal texto no aprendizado de português LE/L2 contribui para o incentivo à leitura de um texto completo ao invés de fragmentos de obras, que, descontextualizados, podem falhar em contribuir para um pensamento crítico e reflexivo do aluno.

Referências

- Almeida, A. C. (2007). *A cabeça do brasileiro*. Rio de Janeiro, Brasil: Record.
- Barbosa, C. N. & Castro, G. N. (2013). *Brasil Intercultural: Língua e cultura brasileira para estrangeiros*. Buenos Aires, Argentina: Casa do Brasil.
- Barbosa, L. (2006). *O jeitinho brasileiro: A arte de ser mais igual do que os outros*. Rio de Janeiro, Brasil: Elsevier.

- Brazil's monetary jeitinho. *Financial Times*, 15 de janeiro, 2013. Disponível em: <<https://www.ft.com/content/2f5c82cb-cbba-3ace-933b-fb4153933563>> Acedido em: 01 dez. 2018.
- Borges, F. C. (2006). *A filosofia do jeito: Um modo brasileiro de pensar com o corpo*. São Paulo, Brasil: Summus.
- Byram, M., Gribkova, B. & Starkey, H. (2002). *Developing the intercultural dimension in language teaching: A practical introduction for teachers*. Strasbourg, França: Council of Europe.
- Campos, P. M. Aquivo Paulo Mendes Campos/Acervo IMS. Disponível em <<http://em1964.com.br/dar-um-jeitinho-por-paulo-mendes-campos/>>. Acedido em: 18 mar. 2017.
- Candido, A. (1992). A vida ao rés-do-chão. In *A crônica: O gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil*. Campinas: Ed. Unicamp; Rio de Janeiro, Brasil: Fundação Casa de Rui Barbosa.
- Damatta, R. (1997). *A casa e a rua: Espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil*. (5ª ed.) Rio de Janeiro, Brasil: Rocco.
- Damatta, R. (2004). *O que é o Brasil?*. Rio de Janeiro, Brasil: Rocco (Coleção Cidadania).
- Fiorin, J. L. (2016a). *Elementos da análise do discurso*. (15ª ed.) São Paulo, Brasil: Contexto.
- Fiorin, J. L. (2016b). *As astúcias da enunciação: as categorias de pessoa, espaço e tempo*. (3ª ed.) São Paulo, Brasil: Contexto.
- Fiorin, J. L. (2007). O sujeito na semiótica narrativa e discursiva. *Todas as Letras J*, 9(1), 24-31.
- Fleuri, R. M. (2000). *Educação intercultural: Desafios e perspectivas da identidade e pluralidade étnica no Brasil*. PQ/CNPq. Florianópolis, Brasil.
- Genette, G. (1972). *Figures III*. Paris, França: Seuil.
- Greimas, A. J. (1979). *Sémiotique. Dictionnaire raisonné de la théorie du langage* (vol. 1) I. Paris, França: Hachette.
- Hofstede, G. (2011). Dimensionalizing cultures: The Hofstede model in context. *Online Readings in Psychology and Culture*, 2(1).
- Índia importa “jeitinho brasileiro” para favelas de Mumbai. *Notícias Terra*, 03 de abril, 2012. Disponível em: <<https://www.terra.com.br/noticias/mundo/asia/india-importa-jeitinho-brasileiro-para-favelas-de-mumbai.html>>. Acedido em: 18 nov. 2018.
- Jeitinho brasileiro é promovido a estratégia no mundo dos negócios. *Folha de São Paulo*, 20 agosto, 2015. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/mercado/2015/08/1671071-jeitinho-brasileiro-e-promovido-a-estrategia-no-mundo-dos-negocios.shtml>>. Acedido em: 18 nov. 2018.
- Jeitinho Brasileiro: The Brazilian Way of Doing Things. *Huffington Post*, 24 de junho, 2013. Disponível em: <https://www.huffingtonpost.com/nathalie-davidson/brazil-protests_b_3490923.html>. Acedido em: 01 dez. 2018.

- Kramersch, C. (1993). *Context and culture in language teaching*. Oxford, Inglaterra: Oxford University Press.
- Marcondes, D. (2010). *Iniciação à História da Filosofia: Dos pré-Socráticos à Wittgenstein*. (13ª ed.) Rio de Janeiro, Brasil: Zahar.
- Mundo se preocupa com ciberespionagem de “jeitinho brasileiro”. *Valor Econômico*, 10 de fevereiro, 2016. Disponível em: <<https://www.valor.com.br/empresas/4429432/mundo-se-preocupa-com-ciberespionagem-de-jeitinho-brasileiro>> Acedido em: 18 nov. 2018.
- Órgão dos EUA pede jeito brasileiro para vencer atraso. *Revista Exame*, maio de 2015. Disponível em: < <http://exame.abril.com.br/ciencia/orgao-dos-eua-pede-jeitinho-brasileiro-para-vencer-atraso>> Acedido em: 18 nov. 2018.
- Smith, D. (1998). *Disney A to Z – the updated official encyclopedia*. Nova Iorque, Estados Unidos da América: Hyperion.

[recebido em 04 de setembro de 2018 e aceite para publicação em 27 de fevereiro de 2019]